Capítulo III — A Trindade

O que é a rosa em botão para a rosa desabrochada, o dogma da unidade de Deus o é para o dogma da augusta Trindade. Saber que Deus existe e que possui todas as perfeições não é ter desse grande Ser um conhecimento suficiente. É preciso mergulhar mais fundo em sua essência inefável e saber que Deus é um em natureza e TRÊS em pessoas. Ao nomear a augusta Trindade, pusemos a descoberto tanto a base imortal sobre a qual assenta o edifício das sociedades cristãs quanto o dogma revelador do homem, de sua dignidade, de sua natureza, de seus deveres e de seus destinos.

Tanto quanto o permitem as salutares obscuridades da fé, contemplamos:

O PAI, princípio do Ser, que cria e conserva o mundo; que põe a nosso uso os sóis que rolam sobre nossas cabeças, as produções variadas que cobrem a face da terra e as riquezas ocultas em suas entranhas; que vela sobre nós com tal solicitude que o menor de nossos cabelos não cai de nossa cabeça sem a sua permissão; que acode em nosso auxílio ao menor grito de alarme, que nos sustenta em nossos combates, que nos levanta em nossas quedas e que nos perdoa assim que uma lágrima de arrependimento vem umedecer nossa pálpebra;

O Filho, gerado do Pai e igual ao Pai, de quem é o Verbo consubstancial, que, tomado de piedade pela humanidade decaída, deixa voluntariamente as alturas dos céus, desce ao vale de lágrimas, toma sobre si todas as nossas misérias, assume o pagamento de nossas dívidas, entrega-se em vítima pelo preço de nosso resgate, termina sua carreira fazendo-nos para sempre herdeiros de seu corpo e de seu sangue; que, assentando-se numa nuvem luminosa como num carro de triunfo, coloca consigo as primícias do gênero humano, introduz-as nos esplendores dos céus, depois de ter prometido aos que ficam cá embaixo vir buscá-los por sua vez e reuni-los a seus irmãos, aos anjos, a ele próprio na eterna cidade da felicidade;

O ESPÍRITO SANTO, amor substancial do Pai e do Filho, igual em tudo ao Pai e ao Filho, que, descendo também à terra do exílio, vem cumprir a última promessa do Redentor, consolar a humanidade de sua partida, desembaraçar o caos do mundo moral como desembaraçou o caos do mundo físico; e, regenerando todas as coisas num batismo de fogo, dar ao homem, à criação, uma face nova, digna das glórias do passado e dos esplendores do futuro. Tal é o Deus da fé católica.

Ora, como o artífice marca com seu cunho os produtos de sua indústria e dá assim seu endereço ao público, a Trindade, criadora do universo, gravou seu selo na fronte do homem e de cada criatura: sua glória brilha em todas as páginas da Escritura e da tradição. Com Santo Agostinho, São Tomás, os Padres e os Doutores, vemos em todos os seres o vestígio da augusta Trindade.

> *Enquanto substância criada, diz o doutor angélico, toda criatura representa uma causa ou um princípio e, por conseguinte, a pessoa do Pai, princípio sem princípio. Enquanto forma ou beleza, representa o Verbo, porque a forma da obra é a expressão do pensamento do artífice. Enquanto ordem ou relação, representa o Espírito Santo, que é o amor, porque a relação de um ser criado com outro ser pertence à vontade do criador[1].*

O homem, sobretudo, é uma imagem viva da augusta Trindade: para negar esse dogma, é preciso que ele negue a si mesmo; para contestar-lhe as maravilhosas e salutares influências, é preciso fechar os olhos à luz[2].

Um Deus criador, um Deus redentor, um Deus santificador do homem e do mundo; três pessoas nesse Deus único, cuja santidade não pode suportar a sombra sequer do mal nas criaturas; essas três pessoas unidas entre si pelos laços de um amor imutável, eterno, que fizeram o homem à sua imagem, com ordem de conservar e embelezar nele os traços divinos: não, esse mistério não é um dogma estéril.

Com efeito, a perfeição intelectual e moral do mundo está sempre em razão direta da noção que ele tem de Deus. Não nos enganemos: nas profundezas eternamente fecundas do dogma da Trindade encontra-se a fonte oculta das luzes, das liberdades, das virtudes, numa palavra, da superioridade incomparável das nações batizadas. Tirai esse dogma, e a encarnação do Verbo, a redenção, a efusão do Espírito Santo, os sacramentos, o cristianismo inteiro não passam de quimeras: e sem o cristianismo, que é o homem? que é a sociedade?

Assim é que, sobre as asas da fé, remontando a esse princípio que precede todo princípio, adoramos em sua essência inefável o Deus da eternidade, que criou o tempo e todas as criaturas que devem viver no tempo.

Depois de contemplá-lo em si mesmo, consideramo-lo em suas obras. Com os astros da manhã[3], assistimos ao magnífico espetáculo da criação do universo. Cada dia dessa grande semana acrescenta uma nova sílaba a essa palavra que lemos, enfim, gravada em letras de chama na fronte de cada criatura: DEUS, TRINDADE.

Tudo nos diz a unidade, o poder, a sabedoria, a bondade, a providência paternal do grande Ser, que vela com o mesmo cuidado sobre os globos imensos, cujo curso majestoso deve durar tanto quanto os séculos, e sobre a folha de erva cuja vida, começada com a aurora, termina com o dia. Hinos de gratidão e de admiração escapam involuntariamente de nossos lábios, e o universo torna-se o primeiro livro em que o cristão aprende a conhecer e amar seu Deus.

Nisso seguimos não somente o conselho e o exemplo de Santo Agostinho e dos mais ilustres Padres da Igreja, mas também o convite formal do Espírito Santo.

> *Pergunta pois aos animaes, e elles te ensinarão: e ás aves do ceo, e ellas to indicarão. Falla com a terra, e ella te responderá: e os peixes do mar te instruirão[4].*

Sabe-se que nossos mestres no ensino da religião, como São Basílio, São Gregório, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São João Crisóstomo, faziam questão sagrada de explicar a seus povos a obra dos seis dias[5]. Mas talvez não conheçamos bem a razão de sua conduta: instruamo-nos nas palavras do eloquente patriarca de Constantinopla.

> *Perguntais-nos, diz São João Crisóstomo[6], como, antes que houvesse livros, Deus ensinava aos homens a conhecê-lo. Como? Da mesma maneira que nós mesmos fizemos para conduzir-vos ao conhecimento desse Ser soberano. Passeamo-vos em espírito pelo teatro inteiro do universo; mostramo-vos o céu, a terra, o mar, os campos, os pomares, as riquezas e as variedades da natureza; remontamos até os elementos das diversas produções; e todos juntos, unindo nossas vozes à vista de tantas maravilhas expostas a nossos olhos, exclamamos no transporte da admiração: Quão grandes são as vossas obras, ó Senhor! quão profundos os vossos desígnios!*

> *Se Deus tivesse começado a instruir-nos por meio de livros e de caracteres, inteligíveis ao sábio, eles teriam sido sem utilidade alguma para o ignorante. O rico poderia adquiri-los; o pobre, não. Para entendê-los, seria preciso conhecer a língua em que estivessem escritos: ter-se-iam perdido para o cita, o bárbaro, o indiano, o egípcio; para todo homem, enfim, a quem essa língua fosse estrangeira.*

> *Não é assim com o grande espetáculo do céu: todos os povos do mundo entendem sua linguagem. Esse livro está aberto indistintamente ao sábio como ao simples, ao pobre como ao rico. Por isso o Profeta não diz que os céus testemunham, mas que contam a glória de Deus, pregadores eloquentes, que têm por auditório o gênero humano inteiro e por livro o magnífico espetáculo que desenvolvem[7].*

Assim, o ensino da religião começa pela explicação da Obra dos seis dias. Se se considera o enfraquecimento da fé e a debilidade da razão em nossa época, essa explicação parecerá mais necessária hoje do que nunca[8]. Torna, por assim dizer, palpáveis as grandes verdades, bem como os grandes deveres do cristianismo. Reconduz Deus a todas as partes do mundo físico, de onde a

ciência materialista do século passado se esforçara por bani-lo e de onde o indiferentismo do nosso continua a mantê-lo afastado. O universo já não é para o homem um templo vazio: Deus nele se apresenta animando tudo, conservando tudo, vivificando tudo.

Seria possível que sua augusta presença nada dissesse ao coração? Seria possível que o homem, cercado de maravilhas de que se terá tido o cuidado de fazer-lhe conhecer a harmonia, o fim e a razão, não se tornasse, com o tempo, mais agradecido e mais cristão? Seja como for, fazer a natureza servir à religião não é corresponder às intenções do Criador e imitar um exemplo muitas vezes dado no Evangelho pelo divino Preceptor do gênero humano?

Nessa admirável narrativa vemos as criaturas inferiores gravitando sempre para uma criação superior, as que precedem chamando as que seguem, e todas juntas reclamando o HOMEM.

Notas

[1] S. Th., p. I, q. 45, art. VII.

[2] Ver no Catéch. de Persévér. os desenvolvimentos desse pensamento.

[3] Ubi eras quando ponebam fundamenta terræ, cum me laudarent simul astra matutina, et jubilarent omnes filii Dei ? — Jó 38.

[4] Interroga jumenta, et docebunt te ; et volatilia cœli, et indicabunt tibi. Loquere terræ, et respondebit tibi ; et narrabunt pisces maris. Quis ignorat quod omnia hæc manus Domini fecerit ? — Jó 12.

[5] Ver seus hexameron e seus sermões sobre o Gênesis.

[6] Serm. I, in Gen.

[7] Homil. XI, ad popul. Antioch.

[8] Encontra-se no Catéch. de Persév., t. I.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:03 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:04 by Admin